

Relações hegemônicas de poder sob o ponto de vista de Connell e os machismos do Capitão Rodrigo e do Coronel Amaral

Dóris Helena Soares da Silva Giacomolli

Resumo: Este trabalho objetiva propor uma análise da obra *Um certo capitão Rodrigo*, de Erico Verissimo, centrando-se nas relações de masculinidades em cuja construção e reprodução, segundo a visão de Connell, estão envolvidas relações de poder, violência ou desigualdade material, nomeadamente as relações de luta pela hegemonia entre o personagem capitão Rodrigo e o coronel Amaral, numa sociedade masculinizada, com a intenção de revisar o confronto entre esse personagem representativo dos estancieiros, do poder patriarcal, senhor absoluto das pessoas e do povoado, cujo poder patriarcal era estável e constituído e a luta do capitão Rodrigo para contrapor-se à força predominante e conseguir instaurar-se como poder hegemônico do lugar.

Palavras-chave: Rodrigo Cambará; Gaúcho; Gênero; Machismo; Connell.

Hegemonic power relations under the Connell's point of view and machismos of Captain Rodrigo and Colonel Amaral

Abstract: This study aims to propose an analysis of the work *a certain Captain Rodrigo* by Erico Verissimo, focusing it on masculinities relations masculinities in whose construction and reproduction, according to Connell's view, are involved power relations, violence or material inequality, including relations struggle for hegemony between the character Captain Rodrigo and Colonel Amaral, in a masculinized society, with the intention of reviewing the confrontation between this representative character the ranchers, the patriarchal power, absolute master of the people and the town, whose patriarchal power was stable and constituted and the fight Rodrigo captain to counteract the predominant force and be able to establish itself as the hegemonic power of the place.

Keywords: Rodrigo Cambará; Gaucho; Gender; Male Chauvinism; Connell.

Introdução

Raewyn W. Connell, professora de sociologia na Universidade de Sydney, uma das teóricas mais marcantes no campo de estudos sobre masculinidade, pesquisadora da história e das atuais abordagens críticas das masculinidades, investe em uma conceituação que nos diz que a masculinidade se encontra presente nas relações sociais, nas instituições e no mercado de trabalho e se estabelecem nesses espaços culturais no mais íntimo grau, instituindo-se de forma historicizada. A professora se refere à masculinidade como sendo não apenas uma característica da identidade pessoal, mas “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. A teórica nos diz que, de forma habitual, há “mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade”, enfatizando que, dado isso, não se deve falar em “masculinidade”, mas em “masculinidades” (CONNELL, 1995b, pp. 188). Observando e analisando os processos ocorridos na história generificada das instituições

e da economia, Connell ressalva ainda que, do meio das mais diversas masculinidades, se sobressairia uma que se ofereceria como sua configuração hegemônica, aquela que equivaleria a uma ideia cultural perfeita de masculinidade. No mesmo ambiente cultural desta forma ideal de masculinidade, haveria outras que cultivariam relações de subordinação, cumplicidade ou de marginalização em relação à hegemônica (CONNELL, 1997, pp. 39-43).

Como representante de uma identidade masculinizada, esse artigo traz Capitão Rodrigo, um personagem de *Um certo Capitão Rodrigo* de *O continente*, primeiro volume da trilogia *O tempo e o vento*, texto épico regional do escritor Erico Verissimo¹. Logo ao chegar à cidade de Santa Fé este personagem é confrontado pelo poder do coronel Ricardo Amaral Neto que simboliza o ápice do poder do patriarcado e representante da masculinidade hegemônica em Santa Fé; visto e tratado como dono do lugar.

Os coronéis como Ricardo Amaral adquiriram privilégios que exerciam na forma de comando e opressão, exemplificado por Erico Verissimo na cidade fictícia de Santa Fé. Essa exploração se dava à custa das mulheres, mas também à custa de outras representações de masculino. Ele mantinha o poder e se orgulhava de manter o legado que recebera sob o olhar e para o orgulho de seus ancestrais. O poder dos Amarais e o carisma de Rodrigo, personagem que chega à Santa Fé, vindo de muitas guerras (VERISSIMO, 1995, p. 192) começam a se contrapor e acender a discórdia já nas páginas iniciais que narram a chegada do capitão a Santa Fé. Rodrigo tinha uma concepção acerca deste homem; tinha ouvido alguns comentários acerca da origem das terras e da maneira como o coronel havia adquirido sua fortuna: “se valera mais de uma vez de sua autoridade militar para obrigar certos proprietários a lhe venderem suas terras a preços baixos. [...] se valera mais de uma vez de sua autoridade militar para obrigar certos proprietários a lhe venderem suas terras a preços baixos.” (VERISSIMO, 1995, p. 196) O que o coronel representava os colocava em lados opostos na guerra que estava por ser declarada entre esses dois masculinos.

Santa Fé

Povoado fictício no interior do Rio Grande do Sul, criado por Erico Verissimo em *O tempo e o Vento*, retratava o modo de vida vigente na época da colonização do estado brasileiro. Foi criada segundo os modelos vigentes da época:

Foi assim que um dia, alguns meses depois, o novo senhor de Santa Fé chegou a cavalo e, bem como fazia o pai, postou-se debaixo da figueira, chamou os moradores dos ranchos e contou-lhes que o administrador da redução de São João lhe mandara um ofício concedendo o terreno necessário para a edificação do povoado. [...] “Ordeno a Vosmecê que faça medir com brevidade meia légua de terreno no lugar em que pretendem formar a povoação, contendo, desde o ponto em que desejam ter a capela, um quarto de légua na

¹ “Um certo capitão Rodrigo” faz parte de *O continente*. Foi publicado em 1949, abrindo a trilogia que Erico Verissimo denominou *O tempo e o vento*. Quando lançou o romance, talvez o escritor não soubesse que seriam necessárias três obras diferentes para dar conta do tema que escolhera, mas, quando termina o primeiro deles, já anuncia sua continuação, *O retrato*, editado em 1951. Apesar de pertencer ao conjunto completado apenas em 1962, quando aparece o terceiro volume de *O arquipélago*, *O continente* tem unidade própria e pode ser lido como livro independente. A obra divide-se em sete segmentos, sendo que um deles, “O sobrado”, emoldura todos os outros. É também o trecho que se apresenta fragmentado, porque a ação narrada não se oferece toda de uma vez, e sim aos pedaços, à medida que o leitor vai avançando no conhecimento da história da família Cambará. “O sobrado” corresponde à parte final dessa história, mas tomamos contato com ela em primeiro lugar, a sequência sendo interrompida para o narrador dar conhecimento do que se passou antes, desde os tempos mais remotos até a atualidade, representada pelo cerco da casa de Licurgo, assunto da moldura em questão. Os demais segmentos têm teor retrospectivo: “A fonte” narra a infância de Pedro, o menino que vive numa das missões jesuíticas e assiste à derrota de seu povo; “Ana Terra” centra-se na vida dessa personagem, desde o encontro com Pedro, agora adulto, até a fundação de Santa Fé, cidade onde ela se radica; “Um certo capitão Rodrigo” introduz a figura do soldado aventureiro que, com Bibiana, dá início ao clã Terra Cambará. (Fragmento extraído do prefácio escrito por Regina Zilberman para a edição de *O tempo e o vento* - Cia das Letras [file:///C:/Users/D%-C3%B3ris/Downloads/1%20%20%20C3%89rico%20Ver%20Ver%20ADssimo%20-%20O%20Continente%20vol.%201%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/D%-C3%B3ris/Downloads/1%20%20%20C3%89rico%20Ver%20Ver%20ADssimo%20-%20O%20Continente%20vol.%201%20(4).pdf))

direção de cada rumo cardeal, em rumos direitos de Sul a Norte, e de Leste a Oeste”. [...] “Ninguém poderá ocupar mais terreno que aquele que lhe é destinado, salvo o caso de compra a outrem que lá possuir título legítimo”. Cada rua do povoado devia ter sessenta palmos craveiros de largura e cada morador ia receber um lote de cinquenta palmos contados na frente da rua e duzentos palmos de fundo, devendo dentro do prazo de seis meses requerer título legítimo aos senhores do governo. [...] Ergueu outras casas para alugar à gente que chegava. E muita gente chegou naquele ano e nos seguintes. Tropeiros que vinham de Sorocaba comprar mulas nas redondezas gostavam do lugar e iam ficando por ali. E o nome de Santa Fé começou a ser conhecido em todo o município do Rio Pardo e fora dele. (VERISSIMO, 1995, p. 152)

O Coronel Ricardo Amaral é um personagem representativo dos estancieiros, pequeno grupo seleto, que recebiam do rei grandes extensões de terra, as sesmarias, e formaram a elite do Rio Grande do Sul e afastavam da posse a multidão de gaúcho e subalternos, “grupos humanos condenados a poucas perspectivas. Eram os andejos, gaudérios ou gaúchos.[...] O pouco que possuíam carregavam: o cavalo, os arreios, algumas roupas e armas.” (GOLIN, 1999, p. 103) As estâncias privadas do século XVIII formavam um centro social e político peculiar que se centralizava em torno de um chefe e dono absoluto, de autoridade indiscutível, que mantinha um grupo armado para a defesa da estância e do gado arrebanhado, disputa de novas terras e principalmente para a defesa das fronteiras do estado, das próprias terras e para a invasão de novas terras. Estes estancieiros eram também chefes civis e militares que “adentraram no continente e o ocuparam, “estanciando” no território. Dessa forma, com a garantia dos exércitos dos reis, o pampa foi sendo dividido entre os proprietários. (GOLIN, 1999, p. 101)

Os próprios estancieiros destinavam terras para que se formassem as vilas. “O critério de sesmaria² provocou insuperável problema social. A imensa maioria da população que participara da conquista do Sul, como soldados ou povoadores espontâneos, ficou de fora da partilha. Mesmo que grande parte da terra não estivesse ocupada e permanecesse improdutiva, já tinha dono.” (GOLIN, 1999, p. 103)

Coronel Amaral

Erico Verissimo faz em *O tempo e o vento* investigação do passado histórico do Rio Grande do Sul num vasto texto épico, retratando as famílias fundadoras do continente gaúcho. O personagem Ricardo Amaral domina Santa Fé a exemplo dos grandes estancieiros existentes no Rio Grande do Sul que, por terem sido beneficiados com terras cedidas pela Coroa, governavam este estado como se fosse uma propriedade privada. Ao mesmo tempo em que serviu à Coroa no início de sua carreira, Ricardo Amaral também pode ter sido ladrão de gado e chefe de bando:

Contava-se até que fora Ricardo Amaral quem numa escaramuça derrubara com um pontão de lança o famoso alferes real Sepé Tiaraju, a respeito do qual corriam tantas lendas. Dizia-se que esse guerreiro índio tinha na testa, como sinal divino, um lunar luminoso, e os crentes afirmavam que depois de morto ele subira ao céu como um santo.³

² Sesmaria é uma concessão de terras pela qual se dá ao sesmeiro (estancieiro) o domínio de uma vasta área [...] uma superfície total que se compreende 13 a dez mil hectares. (Fortes, 1978, p. 19)

³ Sepé Tiaraju foi um chefe indígena dos Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai (território hoje integrado ao estado do Rio Grande do Sul) que virou herói para seu povo. Cacique guarani que era alferes real na redução de São Miguel e que se destacou como o grande líder dos Sete povos das Missões na luta de resistência contra as tropas portuguesas e espanholas durante a Guerra Guaranítica. Em 1750, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Madri, pelo qual Portugal cederia a Colônia do Sacramento (fundada pelos portugueses onde hoje é o Uruguai) à Espanha em troca da região dos Sete Povos. Para concretizar o acordo, os povos guaranis deveriam abandonar as sete aldeias da margem oriental do rio Uruguai. Induzidos pelos jesuítas, os índios não aceitaram o tratado, e pegaram em armas para defender suas terras. Teve início, assim, a Guerra Guaranítica, que opôs os nativos a tropas espanholas e portuguesas. A 7 de fevereiro de 1756, após uma série de derrotas, cerca de 1.500 guaranis foram dizimados na batalha de Caiboaté (nas proximidades da cidade gaúcha de São Gabriel). Sepé Tiaraju morreu em combate. A partir desse momento, história e lenda se confundem. O capitão indígena se tornou herói popular. Sua obstinada

Pelo Continente corriam de boca em boca lindos versos cantando as proezas de São Sepé. E quando alguém perguntava ao coronel Ricardo: “Então, é verdade que foi vosmecê que lanceou Sepé Tiaraju?”, o velho torcia os longos bigodes brancos e com sua voz grave e sonora respondia, vago: “Anda muita conversa fiada por aí...”. E sorria enigmaticamente, sem dizer sim nem não. Depois da Guerra das Missões, Ricardo saíra a burlequear pelos campos do Continente, e as más-línguas afirmavam que ele andara metido numas arriadas, assaltando estâncias e roubando gado por aqueles descampados. Mas quem dizia isso eram seus inimigos. (VERISSIMO, 1995, p. 133)

Por ser um grande proprietário de terras, conseguida de maneira ilícita, aproveitando-se das leis das sesmarias, o coronel Amaral detém o controle de muitas léguas de terra e dos acontecimentos em Santa Fé, dominando os habitantes, o padre, que representa a igreja católica, e o poder legislativo. Todos são meros empregados seus, que cumprem uma lei ditada por ele, segundo sua vontade:

Como recompensa pelos seus serviços, o governo lhe ia dando, além de condecorações, terras. Murmuravam-se histórias a respeito da maneira como ele conseguira seus muitos campos. A lei não permitia que uma pessoa possuísse mais de três léguas de sesmarias, mas Ricardo Amaral, seguindo o exemplo astuto de muitos outros sesmeiros, recebera as suas três léguas e pedira mais sesmarias em nome da esposa, dos filhos e até dos netos que ainda estavam por nascer. (VERISSIMO, 1995, p. 134)

Nesses tempos difíceis de colonização de um grande território, a coragem pessoal era de grande importância. Amaral, dono desta enorme quantidade de terras recebida como recompensa por seus feitos militares, e dotado de atributos pessoais de bravura e valentia, fundou seu povoado – a futura cidade de Santa Fé – e para lá levou seus capangas. Tendo um caráter arbitrário e violento, Ricardo Amaral começou a exercitar seu poder de comando: “De cima do cavalo informou-se sobre as colheitas, ouviu as queixas e resolveu duas ou três questões entre os moradores do rancho. Naquelas redondezas ele não era apenas comandante militar, mas também uma espécie de juiz de paz e conselheiro”. (VERISSIMO, 1995, p. 130)

PACHECO (2003) salienta que as relações tradicionais do gaúcho constituem “posições de identidade” que são permeadas “por relações de poder” (PACHECO, 2002, p. 18) e que “a identidade do gaúcho não resulta simplesmente das relações sociais, mas de relações de poder, já que uma cultura é sempre um mecanismo, um modo, uma forma de instituir determinadas identidades.” (PACHECO, 2002, p. 18)

Embora as constituições ocidentais instituíam a igualdade entre homens e mulheres e entre todos os indivíduos da sociedade, na prática, a igualdade está longe de ser apanágio de todos. Em Santa Fé, a cidade criada por Erico Verissimo para fazer morar nela seus personagens, o patriarcalismo se manifestava, ainda que de forma velada. O Coronel Ricardo Amaral mandava no povoado. Todos reconheciam seu poder e sabiam que o povoado de Santa Fé pertencia ao Coronel Amaral. Não se falava disso abertamente, embora nada se fizesse contra a vontade dele. Todos temiam a ele e a seus capangas. Ninguém fazia nada sem a ordem dele. Homens e mulheres estavam acostumados a obedecer e trabalhavam sob suas ordens. O Coronel Amaral representava a verdadeira masculinidade hegemônica.

Na construção e reprodução das masculinidades estão envolvidas relações de poder, violência ou desigualdade material que, segundo Connell, o conceito de papel masculino não nos permite compreender. Conforme argumenta a teórica australiana, trata-se de um conceito que não nos permite ver as complexidades no interior da masculinidade e as múltiplas formas de masculinidade (CONNELL, 1995, p. 188). Não há uma única configuração na construção do masculino nas sociedades, visto que as masculinidades são compreendidas como configurações de prática, mutáveis e dependentes de fatores históricos, em torno da posição dos homens nas relações de gênero.

resistência foi sintetizada numa frase que, provavelmente, ele nunca pronunciou: “Esta terra tem dono” (Simões Lopes Neto, 1988, pp. 183-188).

Como argumenta Connell (2005), em *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*, as relações de gênero geram tensões:

Relações de gênero são sempre arenas de tensão. Um dado padrão de masculinidade é hegemônico enquanto fornece uma solução a essas tensões, tendendo a estabilizar o poder patriarcal ou reconstitui-lo em novas condições. Um padrão de práticas (isto é, uma versão de masculinidade) que forneceu soluções em condições anteriores, mas não em novas situações, é aberto ao questionamento – ele, de fato, será contestado. (CONNELL, 2005, p. 32)

Em Santa Fé essas tensões eram ocultas; ninguém contestava o poder do coronel Amaral, senhor absoluto das pessoas e do povoado, cujo poder patriarcal era estável e constituído. A situação do Estado mantinha-se com o suporte da igreja e do poder central. O povo vivia submisso, oprimido e sem terra.

“valia quem tinha um título, um posto militar ou então quem vestia batina. Esses viviam à tripa forra. O resto, o povinho, andava mal de barriga, de roupa e de tudo. Era verdade que havia alguns açorianos que estavam enriquecendo com o trigo. Esses prosperavam, compravam escravos, pediam e conseguiram mais sesmarias e de pequenos lavradores iam se transformando em grandes estancieiros. Mas o governador não entregava as cartas de sesmaria assim sem mais aquela... Se um homem sem eira nem beira fosse ao Paço pedir terras, botavam-no para fora com um pontapé no traseiro. Não senhor. Terra é pra quem tem dinheiro, pra quem pode plantar, colher, ter escravos, povoar os campos. (VERISSIMO, 1995, p.103)

O padre Lara, representativo do poder da igreja católica, era o primeiro a reconhecer este poder; conivente, não só não o contestava, como ajudava a exaltar essa hegemonia. Ele incentivava os habitantes a obedecerem. Estes habitantes do povoado eram apegados a seus valores, acostumados a trabalhar, casavam, constituíam novas famílias, criavam filhos para que estes, por sua vez, casassem, trabalhassem e criassem novos filhos: “Por trás daquela cerca de pedra estava a população mais tranquila de Santa Fé; uma gente que não incomodava ninguém, não falava, não ria, não dançava. Suas almas estavam num outro mundo. Para uns, esse outro mundo era o céu; para outros, o inferno; para outros, o purgatório.” (VERISSIMO, 1995, p. 160)

A chegada de Rodrigo subverte a ordem

Quando Rodrigo chegou ao povoado, Padre Lara, representativo do poder da igreja que apoiava os estancieiros, sentiu-se na obrigação de adverti-lo de que aquele era um lugar pacífico e que já tinha um dono e que este dono não poderia ser contestado: “O vigário entrou numa história muito longa sobre a família Amaral, sua tradição, seus hábitos, suas manias e seu prestígio junto ao governo da Província” (VERISSIMO, 1995, p 94). Talvez por sentir que Rodrigo poderia querer enfrentar o poder do Coronel, já que ele, Padre Lara, nunca tinha ousado desobedecer as ordens do dono do povoado:

[...] o padre Lara lhe apertou o braço e lhe disse junto do ouvido: - É quem manda neste povoado e nestes campos ao redor de Santa Fé. Ninguém fica aqui sem o consentimento dele. É ele quem resolve todas as questões: uma espécie de juiz de paz. - Mas esse homem nem me viu ainda. Como é que já não gosta de mim? Pois aí é que vosmecê se engana. O coronel Amaral já sabe quem é vosmecê, donde vem e o que pretende. Ele me disse que não ia permitir que vosmecê ficasse no povoado, porque não quer saber de barulho. O que eu quis dar a entender com toda esta arenga é que o coronel Amaral mandou lhe dizer que não vê com simpatia a permanência de vosmecê em Santa Fé. - Por que é que ele não veio me dizer isso cara a cara? - Decerto porque não quis, pois coragem não lhe falta. (VERISSIMO, 1995, pp. 94-96)

“-Então o homem não quer saber de mim... murmurou” (VERISSIMO, 1995, pp 96-97). Antes de conhecê-lo, Rodrigo, ateu (talvez por desejo de desafiar o todo-poderoso) e sempre pronto a ir contra o *status quo* vigente, revoltou-se com a ideia de ter que obedecer totalmente a alguém, a ideia de que alguém detivesse todo o poder existente: “- Pelo que vejo esse Amaral é um deus” (VERISSIMO, 1995, p. 98).

Assim, Rodrigo, logo de início, insurgiu-se contra o poder do Coronel Amaral. Esperou que algo acontecesse para que pudesse enfrentá-lo: “Rodrigo fitou o casarão de pedra dos Amarais, lá do outro lado da praça. “-A fera deve estar dormindo – pensou.” (VERISSIMO, 1995, p.96). E suscitou-lhe desejos de enfrentá-la. O poder dos Amaral e o carisma de Rodrigo começam a se contrapor e acender a discórdia já nas páginas iniciais que narram a chegada do capitão a Santa Fé.

Em suas divagações, o padre Lara se preocupava com as ideias de liberdade e independência que Rodrigo trazia com ele:

Esses açorianos, tão apegados a suas terras, lavouras, lojas e oficinas representavam a ordem, a estabilidade, o respeito às leis, a obediência à Corte de Lisboa. Mas os homens que, como Rodrigo, tinham vindo das Guerras Platinas, onde estiveram em contato com os caudilhos e guerreiros castelhanos que procuravam libertar sua pátria do domínio espanhol; os homens do interior e da fronteira que amavam a ação, o entrevero, as cargas de cavalaria, a lida e a liberdade do campo, onde viviam longe do coletor de impostos e das autoridades - esses falavam em liberdade, hostilizavam os portugueses, queriam a independência. Representavam a população menos estável porém mais nativista do Rio Grande. Criavam gado, faziam tropas e eventualmente engrossavam os exércitos quando o inimigo invadia a província. Alguns brigavam por obrigação; muitos por profissão; mas a maioria brigava por gosto. (VERISSIMO, 1995, p. 153)

Ainda que sob o disfarce de preocupação para com os seus paroquianos, o que o padre temia era a anarquia e a desestabilização que uma convivência igualitária traria. Padre Lara reconhecia que Rodrigo, mesmo com seu jeito brincalhão e inconsequente, ao pretender viver em Santa Fé, poderia ameaçar o modo de vida a que esse povo ordeiro estava acostumado e passou a viver angustiado com as consequências da aproximação de Rodrigo com o povo de Santa Fé e pelo que isso poderia vir a significar em termos da ordem e hierarquia instituídas. Os gaúchos eram desordeiros, aventureiros, que brigavam não só por profissão, mas por gosto, representavam a ordem e ao mesmo tempo o caos, esses causavam receio ao padre. De forma meio confusa, sem saber claramente que estava descrevendo o Capitão, o padre dava voz a seus anseios:

Aqueles aventureiros habituavam-se a nunca ir à igreja nem a respeitar os sacerdotes. Não havia em suas vidas ordem ou método ou estabilidade que lhes permitisse dedicarem pelo menos um dia da semana ao culto do Criador. Em alguns lugares da Província os homens nem chegavam a saber quando era domingo. Por outro lado, como podiam eles humilhar-se diante de Deus se sabiam que Deus era um homem, e um homem macho - segundo o rude código continentino - nunca baixa a cabeça nem ajoelha diante de outro homem? Habitados a guerras, asperezas e violências, confiavam mais em seus cavalos, suas armas e sua coragem do que em santos, rezas, sacerdotes ou igrejas. (VERISSIMO, 1995, p. 157)

O encontro

E chegou o dia em que Ricardo Amaral se encontra diante de Rodrigo Cambará, o homem que “[a] pesar de comandante dum corpo de cavalaria nunca fornecera uma única de suas vacas para alimentar os soldados, pois achava muito mais conveniente requisitar gado e cereais aos pequenos criadores e agricultores.” (VERISSIMO, 1995, p. 196)

O Capitão sentiu que tinha um adversário que não podia subestimar, nem enfrentar abertamente. Dois machos se encontravam frente a frente. A oportunidade de enfrentamento com o patriarca de Santa Fé deu-se num alto nível de tensão:

O coronel Ricardo estava sentado atrás duma mesa de pau preto. Não se ergueu quando o padre fez as apresentações. Não estendeu a mão para o visitante, nem o convidou a sentar-se. Quando o vigário se retirou, Rodrigo, de pé a uns quatro passos da mesa, olhou bem nos olhos o dono da casa e seu instinto lhe gritou que tinha macho pela frente. [...] Houve um pequeno silêncio. O capitão tinha já decidido principiar a conversa quando o outro perguntou bruscamente: - Que é que pretende fazer aqui? - Ainda não sei, coronel. - Este povoado já tem gente vadia que chegue! Ricardo Amaral atirou estas palavras como seixos na cara do outro. Rodrigo recebeu-as aparentemente impassível, ficou por alguns segundos calado e depois, com voz meio apertada, replicou: - Se não fosse o respeito que devo a um homem da sua idade, eu fazia vosmecê engolir o que acaba de dizer. (VERISSIMO, 1995, pp. 112-113)

Nesta primeira batalha que teve com o Coronel Ricardo, Rodrigo cedeu. O coronel estava em seus domínios, onde era o senhor absoluto e Rodrigo era o intruso naquela fortaleza:

Afastou a cadeira com um pontapé, contornou a mesa, pegou duas das espadas que estavam a um canto, atirou uma para Rodrigo, que a apanhou no ar, desembainhou a outra e gritou: - Defenda-se! Vou lhe mostrar quem é velho. Defenda-se! Rodrigo continuava imóvel, segurando a espada horizontalmente com ambas as mãos. - Vamos, defenda-se! - repetiu o estancieiro. O capitão sorria. Sorria porque estava achando divertido ver aquele homenzarrão ali na sua frente, de espada em punho, querendo arrastá-lo a um duelo. Se também se deixasse enfurecer estaria tudo perdido. - Acalme-se, coronel - pediu ele, apaziguador. - Vosmecê não vai querer matar um homem debaixo de seu próprio teto. [...] Rodrigo deu alguns passos e encostou a espada na parede. Voltou-se para o senhor de Santa Fé. - Vosmecê veja a minha situação... - disse ele, quase jovial, ajeitando o lenço vermelho. - Se eu matasse o coronel Amaral, não saía vivo desta casa. Se vosmecê me matasse... eu estava liquidado. De qualquer modo estou perdido. Já vê que minha posição é meio difícil... (VERISSIMO, 1995, pp. 114-115)

Ainda que uma forma de masculinidade pretenda se contrapor à predominante, precisa sondar o terreno, ver de que lado sopra o vento e pressagiar qual é a hora certa do enfrentamento. Rodrigo era o visitante, estava fora de seu *habitat*, estava na frente de um superior, que provavelmente não hesitaria em enfrentar se a situação lhe fosse propícia ou se houvesse chance de vencer. Os dois se avaliaram, aferiram as forças, como dois animais machos antes de uma briga por território:

- O melhor mesmo é vosmecê ir embora de Santa Fé o quanto antes. - Por quê? - Porque sim. - Que é que há contra mim? [...] - Vosmecê não tem o nosso jeito. Sou um homem muito vivido e vejo logo quando uma pessoa pode se dar aqui e quando não pode. Logo que me falaram na sua pessoa, senti que vosmecê não podia esquentar lugar em Santa Fé e que mais cedo ou mais tarde ia nos dar trabalho. (VERISSIMO, 1995, p. 116)

O coronel Amaral colocou-se na qualidade de estancieiro, dono de manadas, e comparava os animais aos homens, todos passíveis de serem mantidos em currais. Santa Fé era o seu curral, ali ele era a figura hegemônica da masculinidade. Todas as pessoas que moravam em Santa Fé eram consideradas criaturas de seu curral. Todos já haviam sido domados e esta era a cláusula *sine qua non* para viver em sua cidade:

[...] Nunca me engano com homem nem com cavalo. Vosmecê tem um jeito de olhar e de falar com as pessoas que faz o sangue da gente ferver. - Não é minha culpa. Nasci assim. [...] Se vosmecê é potro que não se doma, muito bem, é porque não pode viver no meio de tropilha mansa. Seu lugar é no campo. Neste potreiro de Santa Fé, moço, só há cavalo manso. Chegam xucros mas eu domo eles e boto-les a minha marca. - Já me tinham dito isso. - Pois se a coisa não lhe agrada, mande-se mudar. (VERISSIMO, 1995, p. 118)

Rodrigo tentou envolver o coronel, confiante em sua capacidade de atração por simpatia. Acostumado a espalhar seu charme, ciente de que possuía a capacidade de encantar as pessoas, tentou manipular o Coronel e ao mesmo tempo evitar uma postura subserviente: “Rodrigo sabia ser simpático, quando queria. Tratou de falar com calma e brandura, e no seu tom de voz havia agora não a humildade dum pobre que curva a cabeça ante um potentado, mas sim o respeito carinhoso dum filho que se dirige ao pai”. (VERISSIMO, 1995, p. 125).

Rodrigo tentou seduzir o patriarca com elogios e papéis assinados pelo General Bento Gonçalves⁴ que tinha trazido consigo da guerra:

Decidiu tentar outro recurso. Sabia que Ricardo era comandante dum corpo de cavalaria. - Coronel, vosmecê também é um militar. [...] Então que é que tem a dizer a seu favor? - Eu mesmo não tenho nada. Mas há muita gente boa disposta a falar por mim. - Aqui em Santa Fé? - Nestes papéis, coronel. Com licença de vosmecê, aqui está a minha fé de ofício. [...] Eram cópias de ordens do dia de diversos generais que Ricardo Amaral conhecia e nelas havia elogios ao capitão Rodrigo Severo Cambará pelo seu comportamento em ação. Havia também um «a quem interessar possa», declarando que o capitão Rodrigo tinha tomado parte em diversos combates, «portando-se com heroísmo, dedicação e disciplina a toda prova». A declaração estava assinada por Bento Gonçalves da Silva. (VERISSIMO, 1995, p. 120)

Nem a medalha de honra conseguiu convencer o Coronel de que Rodrigo poderia ser marcado, viver no povoado como um cavalo pacífico, ordeiro e trabalhador, no meio de sua tropilha há muito domada e pacata. “Isso tudo, capitão, prova apenas que vosmecê foi um bom soldado” (VERISSIMO, 1995, p. 122). O Coronel não estava errado. Rodrigo não pretendia formar um lar: “No dia que eu achar que ele não me serve mais, monto a cavalo e vou m'embora. Só árvore é que pega raiz no chão” (VERISSIMO, 1995, p. 124). Rodrigo não se apegava à terra, não queria criar raízes. Ele, momentaneamente, queria Bibiana, mas ao conhecer o homem que representava o poder em Santa Fé, sentiu vontade de enfrentá-lo, de subjugá-lo e tirar-lhe o poder; veio-lhe o desejo de ser a masculinidade hegemônica do lugar.

Rodrigo perdeu a primeira batalha. Reconheceu que o enfrentamento físico ou verbal não seria a melhor tática: “Se despertasse a ira do senhor de Santa Fé, estaria perdido. A vida para ele no povoado seria insuportável e o melhor que tinha a fazer era encilhar o cavalo, montar e ir cantar noutra freguesia” (VERISSIMO, 1995, p. 118). Retrocedeu: “Por um breve instante os dois homens se mediram com os olhos, num silêncio feroz. Nenhum piscou. Nenhum falou por vários segundos. Rodrigo então compreendeu que não havia mais remédio para aquela situação” (VERISSIMO, 1995, p. 128). Rodrigo abandonou, temporariamente, o campo de batalha. O primeiro enfrentamento tinha-se dado. Reconheceram-se como rivais, como iguais, como em campos opostos do tabuleiro de xadrez. Dessa luta, se um dia houvesse, não poderia haver dois vencedores:

Bem, vou andando com a licença de vosmecê. - Pra andar vosmecê tem toda a minha licença. - E pra ficar? - Para ficar, não. O capitão fez meia-volta, aproximou-se da porta e, já a abri-la, exclamou: - Mas fico! Não ouviu o que o outro disse nem lhe viu a cara, pois bateu a porta em seguida e saiu [...] a ruminar com gozo suas últimas palavras. Mas fico. Mas fico. Mas fico. E ficou mesmo. Nada lhe aconteceu. Porque naqueles dias Ricardo Amaral fechou a casa no vilarejo e foi passar o resto do verão na estância, deixando o **campo** livre para Rodrigo, que aos poucos conquistou toda a população de Santa Fé, com exceção de Pedro Terra. (VERISSIMO, 1995, p. 128, grifo nosso)

⁴ “Bento Gonçalves da Silva, militar, engajou-se nas guerrilhas da campanha da Banda Oriental (1811-1812) e participou da guerra contra Artigas (1816-1821), consolidando seu prestígio como soldado. Com a Independência do Brasil, participou da guerra Cisplatina (1825-1828), sendo nomeado coronel por dom Pedro I. Em 1834, foi denunciado como rebelde e acusado de manter entendimentos secretos para a separação do Rio Grande do Sul. Chefiou a Revolução Farroupilha, que começou em 20 de Setembro de 1835. A luta se estenderia por dez anos, foi proclamada a independência do Rio Grande do Sul e Bento Gonçalves aclamado presidente, a 6 de novembro de 1836. A República Rio-grandense terminou em 1845” (Piletti, 2012, p. 21).

O capitão ficou contra a vontade do Coronel, mas esse ainda tinha todos sob seu jugo, embora o Capitão tivesse posto em causa a sua autoridade.

Nas sociedades patriarcais, todos se subordinam aos ditames de uma figura masculina, sejam familiares, empregados ou habitantes de toda uma região abrangida por aquela autoridade. O patriarca tem ascendência sobre todos os aspectos políticos da organização social. As pessoas, então, devem obediência à imagem do homem dominante: “O patriarca manteve o poder, ao longo da história, sobre qualquer indivíduo, na organização social de que fazia parte, que poderia ser sua mulher, seus filhos, seus súditos, seus escravos ou seu povo, cabendo-lhe o poder de decisões cruciais de forma inquestionável no seio da sociedade.” (MOORE JR., 2010, p. 73)

Numa conjuntura de patriarcalismo, as relações humanas acontecem em patamares desiguais, obedecendo a um código hierárquico. O patriarca representa o comando maior, determinando as condições de superioridade e inferioridade dos sujeitos. Assim eram os Amarais, pai e filho, que representavam formas de masculinidades que ocupavam a posição privilegiada, de mando, em detrimento de outras formas de masculinidade, que ocupavam posição subalterna. O pai era o patriarca, mas o filho, sendo herdeiro e vivendo rodeado de capangas, era reconhecido como o próximo senhor patriarcal, o descendente com autoridade e poder. Rodrigo observa a subserviência do povo a Bento Amaral:

As vozes se aquietaram e o pai da noiva dirigiu-se a Bento: - Vosmecê vai marcar. - Está feito! - respondeu o moço. Tinha uma voz gorda e retumbante. - Vamos, Ataliba! - gritou Joca para o violeiro. - O anu! Ataliba começou a tocar. - Tudo cerra! - gritou Bento, cujo par era Bibiana Terra. Homens e mulheres deram-se as mãos e fecharam a roda. O sapatado começou. Os homens batiam com as esporas ou o salto das botas no chão duro do terreiro, enquanto as mulheres meneavam o corpo. - Cadena! - mandou Bento. Marcava a dança sem alegria nem graça. Dava ordens: era ainda o senhor de Santa Fé a falar aos outros de cima de seu cavalo. E no tom de sua voz Rodrigo percebia um certo orgulho, como se ele estivesse sempre a pensar assim: Sou um Amaral. Eu mando. Sou um Amaral. Eu mando. Os pares lhe obedeciam. (VERISSIMO, 1995, p. 172)

O povo de Santa Fé reconhecia a hegemonia de Ricardo Amaral e curvava-se a ela. Teria permanecido assim se Rodrigo não tivesse aparecido, trazendo consigo a ideia de luta e de uma possibilidade de libertação de todo um grupo de homens que tinha sido dominado.

A posição hegemônica tem seu maior problema no fato de que outros também querem esta posição e pode haver luta por ela. Rodrigo queria ser o dono, por isso marcou o rosto de Bento. “O capitão pensava naquele rosto largo, duma boniteza desagradável, e já via nele sua marca: a primeira letra de seu nome, um R maiúsculo de sangue...” (VERISSIMO, 1995, p. 192). A luta não era só por Bibiana, como poderia parecer. Também não era só para enfrentar o *status quo* em prol da libertação de Santa Fé. Desde que chegara ali, Rodrigo queria enfrentar os coronéis. Se a luta fosse só por Bibiana, Rodrigo teria matado, como fazem os machos que lutam pela fêmea. Um dos dois deve morrer para que o vencedor tenha direito à fêmea. Mas Rodrigo nunca quis matá-lo. Queria lhe pôr a marca, no rosto. Queria mostrar que o filho do coronel não poderia herdar a *tropilha* do pai, que o grupo que estava em posição desprivilegiada não queria mais o comando deles, que estava contando com ele, com o capitão, para brigar no lugar deles:

Vou te botar minha marca na cara, pústula! É agora. E riscou-lhe verticalmente a face. O sangue brotou do talho. Falta a volta do R! E num golpe rápido fez uma pequena meia-lua, às cegas.[...] - Não vou te matar, miserável - disse Rodrigo. - Mas não costumo deixar serviço incompleto. Quero terminar esse R. Falta só a perninha... E caminhou para o adversário, devagarinho, antegozando a operação, e lamentando que não fosse noite de lua cheia para ele poder ver bem a cara odiosa de Bento Amaral. (VERISSIMO, 1995, p. 198)

No domínio da ordem patriarcal, há relações de jugo e subordinação, até mesmo entre grupos de

homens. O mais forte, o mais preparado domina, os outros se subordinam. A traição de Bento Amaral resulta de uma recusa de aceitação da derrota, por parte daquele que sempre esteve acostumado a mandar e dominar todos que ali eram implicitamente subordinados à sua família; ele não hesita em atirar de pistola em um duelo em que só adagas eram permitidas.

Rodrigo foi baleado na luta contra o filho do coronel Amaral, mas saiu dela mais forte do que entrou, considerando que conseguiu a aprovação dos moradores de Santa Fé:

A história da traição de Bento Amaral corria pela cidade de boca em boca. “O Bento é valente quando anda junto com os capangas” - murmurou um, olhando a medo para os lados. Uma velha que fazia renda de bilro em sua casa disse ao marido: “Eu só queria era ver a cara do seu Bento com a marca do capitão”. Um novo dia amanheceu e a casa dos Amarais continuou fechada. Agora o povoado esquecia os Amarais para se preocupar com Rodrigo Cambará. A venda do Nicolau vivia cheia de homens que comentavam o caso. (VERISSIMO, 1995, p. 203)

Tempos depois, na luta pelo casarão, Rodrigo esteve bem perto de ser o senhor de Santa Fé e ficar com a posição política de chefia dos Amarais: “Acho que esta noite vou dormir na cama do velho Ricardo. Sorriu. - Mas sem a mulher dele, naturalmente... E amanhã de manhã quero mandar um próprio levar ao chefe a notícia de que Santa Fé é nossa. A província toda está nas nossas mãos. Desta vez os legalistas se borraram.” (VERISSIMO, 1995, p. 409)

Essa fala demonstra claramente que a intenção do capitão Rodrigo era apossar-se do lugar do coronel Amaral, de ficar dono do casarão, de dormir em sua cama; enfim, de apossar-se do lugar de comando e de Santa Fé, tornar-se o dono do lugar, ocupando a posição de masculinidade hegemônica e o ápice da hierarquia social.

O Capitão Rodrigo era intempestivo e honrado, duas qualidades que ajudaram a levá-lo à morte. Por acreditar cegamente na honra dos homens, levou um tiro no peito: “a arma do adversário se lhe escapou da mão e caiu ao solo. — Pode pegar a adaga! — gritou-lhe Rodrigo. — Não brigo com homem desarmado” (VERISSIMO, 1995, p. 234). Desta primeira vez Rodrigo acreditou na honradez e na coragem dos homens, na capacidade destes enfrentarem a morte com destemor. Na segunda vez confiou demais em si mesmo. Acreditou-se dormindo na cama do coronel Amaral; após tomar o casarão para si, seria o dono do lugar, seria o masculino dominante, o que teria acontecido se não tivesse se dado sua morte, uma vez que o casarão foi tomado:

— Padre, tomamos o casarão. Mas mataram o capitão Rodrigo — acrescentou, chorando como uma criança. — Mataram? O vigário sentiu como que um soco em pleno peito e uma súbita vertigem. Ficou olhando para aquele homem que nunca vira e que agora ali estava, à luz da madrugada, a fitá-lo como se esperasse dele, sacerdote, um milagre que fizesse ressuscitar Rodrigo. — Tomamos o casarão de assalto. O capitão foi dos primeiros a pular a janela. — Calou-se, como se lhe faltasse fôlego. — Uma bala no peito... (VERISSIMO, 1995, p. 306)

Conclusão

Esse artigo permitiu um questionamento acerca dos homens que representam uma forma de masculinidade na cidade fictícia de Santa Fé criada por Erico Verissimo. A rigidez dos personagens masculinos é uma amostra que se faz essencial na discussão sobre gênero, uma chave para a compreensão do funcionamento das instituições sob o comando de uma masculinidade hegemônica, uma vez que são representativas de um esforço de manutenção e preservação da ordem de gênero, onde se sobressai a mascu-

linidade hegemônica e por ela se luta. A construção de uma masculinidade se dá em um campo de forças, no qual um determinado modelo é eleito pela comunidade como sendo o hegemônico. A masculinidade hegemônica, como ela é percebida por Connell, a socióloga especialista das masculinidades, é uma versão criada, ideológico-discursivamente construída, imaginada, considerada como padrão e disseminada e, a todo momento, busca ser consolidada nas performances de masculinidades. Para Connell, como já foi dito, significa a forma dominante de masculinidade; a superioridade que um homem ou um grupo de homens possui sobre os demais, tornando-se assim, soberano. O coronel Ricardo Amaral era reconhecidamente esse masculino hegemônico, mas Rodrigo Cambará dá esperanças aos moradores do povoado de que será capaz de libertá-los do poder autoritário e hegemônico do coronel Ricardo Amaral que mantém a todos sob o seu jugo. Esses dois personagens constituem, portanto, representantes de formas representativas de masculinidade, numa sociedade que aceitava e protegia essa masculinidade convencional. No trabalho de Erico Verissimo, a representação do personagem Capitão Rodrigo se fragmentou, enquanto novas coalizões emergiram e se desenvolveram em suas relações com os outros personagens da trama. O capitão não consegue se fixar ou se estabelecer; morre sem alcançar a posição que almejava, ser a masculinidade hegemônica do lugar. Do romance, enquanto reprodução das hierarquias sociais, se pode salientar que o emprego do termo masculinidade hegemônica, dentre as teorias da reprodução social, foi primordial para analisar essa configuração específica das relações de gênero. Pode-se perceber que, se há uma masculinidade hegemônica, surgem lutas que partem das outras formas de masculinidades pela obtenção desse lugar, que pretendem tornarem-se parte integrante da ordem hegemônica.

Rodrigo Cambará ser discutido a partir da teoria sobre masculinidade hegemônica de Connell faz todo o sentido por ser representativo de uma experiência social específica; mesmo fracassando na sua luta para alcançar o topo da pirâmide social em termos de masculinidades, consegue fixar uma imagem de masculinidade hegemônica, através da noção de valentia, do militar que lutou em muitas guerras, que chega em Santa Fé e luta para obter o poder hegemônico de Santa Fé. Rodrigo confirma a existência da “arena de tensões” a que se refere Connell e deixa mostras de que o poder hegemônico pode ser contestado pelas mais diversas razões. Neste romance se percebe que as divisórias que protegem a masculinidade convencional e hegemônica ainda se sustentam e tem a proteção dos homens, da igreja, de outros homens e das mulheres. O capitão Rodrigo Cambará morreu, mas a morte lhe trouxe a aprovação dos moradores. Ele era um representante de uma luta contra o poder opressor dos grandes coronéis, dos quais o coronel Ricardo Amaral era representativo e que comandava o povoado de Santa Fé que dependia do estancieiro para construir suas casas e sustentar suas famílias. Mais do que isso, a morte, em luta contra o coronel, trouxe a Rodrigo a condição de pertencimento. De forasteiro, sem “ordem ou método ou estabilidade” Rodrigo passou a herói, a mito, à figura lendária, guerreira, que morrera lutando pela terra, lutando contra um poder absoluto contra o qual as pessoas do povoado não tinham condições de lutar. A morte lhe trouxe mais do que o reconhecimento da condição de nativo; trouxe-lhe o estado de herói. Ele, morto, ajudou a mitificar a figura do gaúcho, se instalando no imaginário do povo gaúcho como personagem desejado, ideal de origem e identidade. Sua luta contra o masculino preponderante do lugar fracassou, ainda que contasse com a ajuda de outros que o apoiavam, não porque não concordassem com o fato de que um homem comandasse o espaço social em que viviam, mas achavam que Rodrigo, ao ocupar, por sua vez, esse espaço, poderia acabar com algumas injustiças e covardias existentes sob o comando do coronel Amaral. O estabelecimento das novas alianças que surgiram, o surgimento as novas coalizões que emergiram, as novas perspectivas que se insurgiram, as lutas que se desenvolveram contra o sistema opressor daquele “governo” do coronel Amaral, não foram no sentido de que os outros representantes pretendiam ficar sem liderança, mas de trocá-la, para colocar em seu lugar um homem que, se vencesse, ocuparia a mesma posição centrada na masculinidade hegemônica, mas que se esperava fosse menos opressor e mais digno com as masculinidades subalternas e

com o gênero feminino. Surgiria uma nova voz de comando e todos se tornariam partes integrantes de uma nova ordem, condenados que estavam todos à reprodução daquela conhecida hierarquia social, conhecida e aceita por todos. A nova sociedade pela qual ansiavam seria paradoxal já que igualmente a mesma, novamente liderada por outra masculinidade hegemônica, ainda que, dessa vez, representada pelo capitão Rodrigo Cambará. Conclui-se que a posição hegemônica tem seu maior problema no fato de que outros também querem esta posição. A luta existente no capítulo intitulado *Um certo capitão Rodrigo*, não foi uma luta para destruir as estruturas sociais locais existentes, que deixariam de cultivar relações de subordinação, cumplicidade ou de marginalização, nem mesmo uma batalha contra a masculinidade hegemônica, mas um combate por esta posição. A hegemonia vem a ser uma tentativa de realização do poder, uma conquista do poder e diretamente ligada à violência.

Referências

- CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley, CA: University of California Press. Press. Berkeley, Los Angeles, 1995.
- CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**, v.20, n.2, p. 185-206. 1995b.
- CONNELL, R. W. La Organización Social de la Masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLIVARRÍA, José (eds.). **Masculinidad/es: Poder y Crisis**. Santiago: Ediciones de las Mujeres, 1997, pp. 31-48.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT J. W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**, v. 19, 6: p. 829-859, dec, 2005.
- FORTES, João Borges. **Os casais açorianos**. Presença lusa na formação sul rio-grandense. Porto alegre: Martins Livreiro, 1978.
- GOLIN, Tau. **O povo do pampa**. Porto Alegre: Sulina, 1999
- MOORE JR., Barrington. **As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- PACHECO, Luis Orestes. Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. 60f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/3707>. Acessado em: 08 de fevereiro, 2016.
- PILETTI, Felipe. **História do Rio Grande do Sul**. São Paulo: Ática, 2012.
- SIMÕES LOPES NETO, João. **Lendas do Sul**, O lunar de Sepé. Rio de Janeiro: Presença, 1988. pp. 183-8)
- VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento**, O continente. 31º ed., LOCAL: Editora Globo S.A., 1995.